Instituto de Previdência Social dos Servidores Públicos Municipais de Caçador – SC

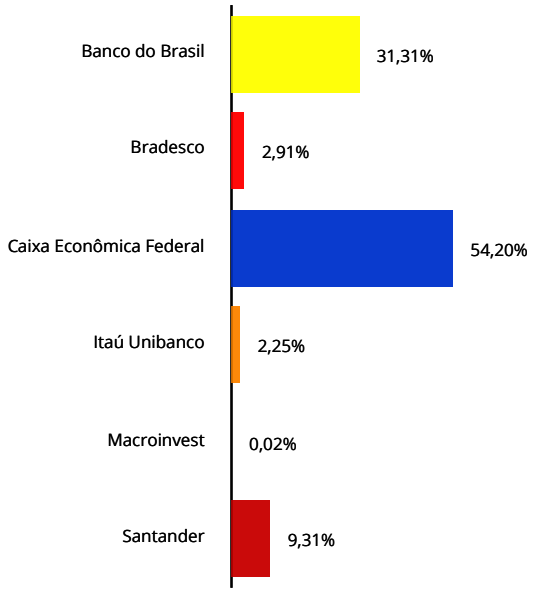
Relatório da Carteira de Investimentos

SETEMBRO

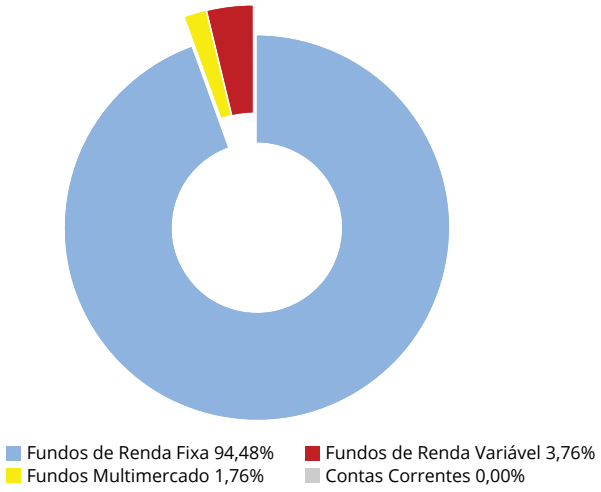
Os recursos do IPASC são aplicados respeitando os princípios de segurança, legalidade, liquidez e eficiência.

A diretoria do Instituto, assessorada pela SMI Consultoria de Investimentos, vem buscando estratégias para que as necessidades atuariais do Instituto sejam alcançadas de acordo com os prazos estabelecidos. Neste mês a carteira de investimentos está distribuida da seguinte forma:

Distribuição da Carteira por Instituição Financeira



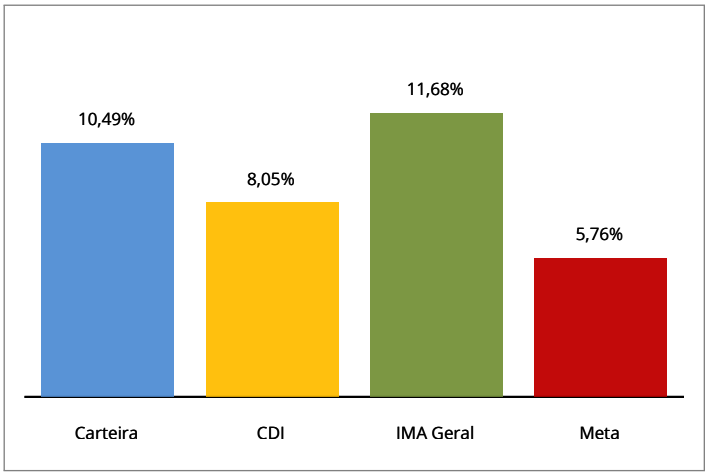
Distribuição da Carteira por Segmento



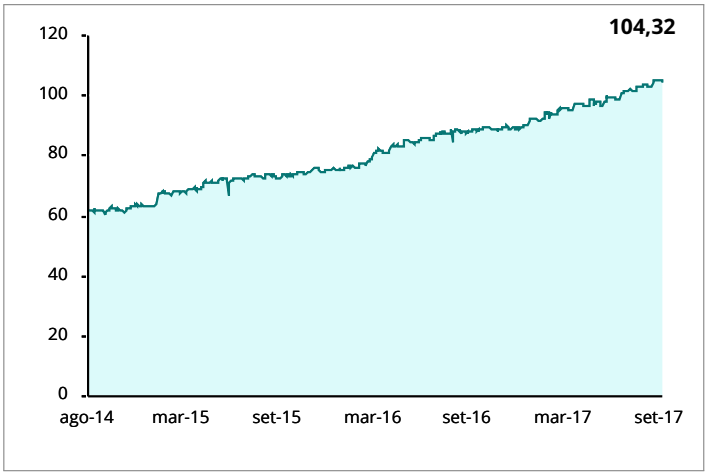
HISTÓRICO DE RENTABILIDADE

COMPARATIVO	NO MÊS	NO ANO	EM 252 DIAS ÚTEIS
IPASC	**1,09%**	**10,49%**	**13,47%**
CDI	0,64%	8,05%	11,67%
IMA Geral	1,33%	11,68%	14,92%
Meta Atuarial - INPC + 6 %	0,47%	5,76%	7,78%

Carteira x Indicadores em 2017



Evolução do Patrimônio (em R$ Milhões)



Análise de Desempenho: A carteira do IPASC tem como principal objetivo superar a Meta Atuarial.

SMI Consultoria de Investimentos
Fone: 48 3027 5200
www.smiconsult.com.br

Análise Macroeconômica

Nos Estados Unidos, o destaque de setembro foi o anúncio por parte do Federal Reserve, Banco Central americano, de que reduzirá os reinvestimentos dos títulos que possui a partir de outubro. Inicialmente, a redução será da ordem de US$ 10 bilhões por mês, que gradualmente será elevada até US$ 50 bilhões por mês, até o último trimestre de 2018. A medida é extremamente cuidadosa, de maneira que não deve trazer choques aos mercados financeiros. Na reunião de setembro, o Fed manteve a taxa básica de juros no intervalo entre 1% e 1,25% e seus membros seguiram esperando que haveria, no total, 3 aumentos de 25 bps nos juros nos Estados Unidos neste ano – por enquanto, só houve dois. Assim, houve uma surpresa para nós e parte do mercado, uma vez que acreditávamos que não haveria um novo aumento de juro este ano, e agora essa elevação parece bastante provável. Ainda em setembro, Trump seguiu falando a respeito de seu programa de estímulo fiscal, mas ainda há algumas dúvidas no mercado a respeito de sua capacidade de aplicação deste programa.

Na Zona do Euro, o Banco Central Europeu reduziu suas projeções de inflação para os próximos anos e elevou o crescimento em 2017 (de 1,9% para 2,2%). A grande expectativa do mercado é pelo anúncio do processo de redução de suas compras mensais de ativos – atualmente, as compras estão programadas para durar até dezembro deste ano, no montante de 60 bilhões de euros por mês. Assim, em outubro o mercado aguarda que o BCE sinalize como vai fazer esta redução de compras.

A China seguiu com bons resultados em setembro, ainda ajudando a tranquilizar o mercado. Para outubro, a expectativa é de que uma nova medida de aumento de liquidez seja colocada pelo país - provavelmente reduzindo os percentuais de depósito compulsório. Isso eleva a capacidade de financiamento pelos bancos e tende a melhorar o ritmo de crescimento do país.

No Brasil, setembro foi um mês em que o consenso sobre a recuperação da economia se consolidou! Uma série de dados positivos referentes ao segundo trimestre e ao mês de julho ajudaram a confirmar a percepção do mercado de que o país saiu da recessão, ainda que a melhora econômica ocorra de maneira lenta e gradual. O grande destaque foi o PIB do segundo trimestre, cujo crescimento foi de 0,2%, enquanto a expectativa era de 0,1%. Na abertura de dados, o consumo surpreendeu e registrou 1,4% de crescimento, primeira alta no trimestre desde o final de 2014. O indicador do desemprego também surpreendeu o mercado, com a taxa recuando de 12,8% para 12,6% em agosto.

O conjunto de dados positivos elevou as projeções de crescimento do produto por boa parte do mercado. No final de agosto, o PIB projetado para 2017 era de 0,39% e de 2018 era de 2%. As projeções cresceram para 0,70% e 2,38%, respectivamente, motivadas pelo resultado surpreendente do PIB. Assim, cada vez mais é claro que a retomada da economia tem como primeiro fator de sustentação o consumo e que em alguns trimestres os investimentos devem se retomar.

Também em setembro, o Banco Central divulgou o Relatório Trimestral de Inflação, que mostrou um cenário muito benigno para a inflação! Nas projeções que consideram os juros e câmbio projetados pelo mercado, a inflação esperada para o final de 2018 era de 4,1% e de 2019 de 3,9%. Este cenário imputa a Selic caindo a 7% e o dólar se apreciando até a taxa de R$ 3,30. Já no cenário que considera o juro de mercado (Selic caindo a 7%) e o câmbio estável (dólar em R$ 3,10), a inflação projetada para cada período fica em 4,3% e 4,2% respectivamente.

Como nossa projeção para o preço do dólar é bastante inferior à projeção de mercado, consideramos que a estimativa feita no Relatório Trimestral de Inflação utilizando o câmbio estável é a mais próxima da realidade. Além disso, os indicadores de inflação de setembro indicam claramente que a inflação no mês ficará abaixo de 0,1%. Desta maneira, acreditamos agora que há condições de a Selic cair abaixo de 7%. Assim, na reunião do Copom de outubro a Selic deve ser cortada de 8,25% para 7,5%, em dezembro de 7,5% para 7% e, por fim, em fevereiro de 2018 a Selic cairá para 6,5%, permanecendo neste nível até o final de 2018. No início de 2019 deve haver um novo ciclo de aumento de juros, que levará a Selic a até 9%.

Projeções 2017 | 2018
PIB (% de crescimento): 0,7 | 2,7
IPCA (%): 3,0 | 4,2
Meta Taxa Selic: 7,0 | 6,5

Renda Fixa

Continuamos acreditando em um cenário construtivo para o Brasil, vide a melhora dos indicadores da economia que vêm melhorando na margem. Apesar disso, devido às incertezas da agenda político-fiscal, algumas correções podem ocorrer no meio do caminho. A segunda denúncia contra o Presidente Temer trouxe alguma tensão aos mercados, junto com a decepção de que a Reforma da Previdência não deve ser votada em 2017. O cenário internacional ficou estremecido com as declarações do Presidente dos EUA, Trump, que foram encaradas pela Coreia do Norte como uma declaração de guerra. Mesmo com as tensões pontuais, o sentimento de otimismo predominou.

Apesar do cenário favorável, o real não se apreciou frente ao dólar. A moeda americana subiu 0,66% no mês, cotada a R$ 3,168.

Ao longo do mês de setembro, a curva de juros continuou com a tendência de baixa, Jan21 caindo de 9,15% para 8,80% no período. Reforçada pelo discurso do Copom que indicou queda para as próximas reuniões apesar de sinalizar redução do ritmo. O mercado já passa a trabalhar com uma queda de 75 bps para a reunião de outubro e mais uma de 50 bps para o final do ano. Acreditamos que há grande possibilidade de haver mais uma queda de juros na primeira reunião de 2018 levando a Selic para baixo de 7%. Estamos aproveitando os movimentos de realização do mercado para voltar a aplicar nos vértices de 2019 até 2021, os mais líquidos da curva. A curva de juros reais continua com todos os vértices abaixo de 5%.

Renda Variável

Liquidez mundial amplia rally no Brasil.

Começando pelo cenário internacional, no mês de setembro, observamos a continuidade de um movimento pautado pela melhora econômica (PIB) e a baixa pressão inflacionária nos EUA e Europa. Consideramos esta situação temporária, mas também não podemos negar que ela está sendo benéfica para muitos mercados inclusive o brasileiro.

No Brasil a inflação surpreendendo para baixo contribui de maneira direta e indireta para a Bolsa; uma vez que tornam os investimentos atrelados ao CDI menos atrativos e também contribui para a diminuição da alavancagem das empresas, que tem nesse momento uma boa oportunidade para realinhar sob taxas menores, suas dívidas em CDI.

Desta forma o Ibovespa subiu no mês em torno de 5%, chegando na cotação máxima em 7%, renovando máxima histórica pela primeira vez após a máxima de abril de 2008 em 73516 pontos; porém perdeu força devido a transição de expectativa da situação política entre, a euforia dos investidores após a perda de força do PGR Rodrigo Janot com a controversa delação dos irmãos Batista, contra a volta para a realidade com o foco voltando para a continuidade das reformas fiscais do país.